



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7407 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

Adolescer na EJA: reflexões, vivências e trajetórias escolares

Elisângela Ferreira dos Santos de Mendonça - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

ADOLESCER NA EJA: REFLEXÕES, VIVÊNCIAS E TRAJETÓRIAS ESCOLARES

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada, com o tema *adolescer na EJA*, parte de reflexões e vivências pessoais como professora regente na rede pública da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em turmas dos anos finais do ensino fundamental (EF) e no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA).

As experiências tecidas em meio às redes nos/dos/com os cotidianos no trabalho com juventudes, possibilitaram-me compreender melhor a dinâmica de atuação no campo da educação de jovens e adultos (EJA), bastante diferente do EF “regular”, no diurno. Percebi a necessidade de um olhar diferenciado, pautando-me em metodologia e em currículo mais específico para esse público. Apontava-se a perspectiva de que se aprende não apenas “[...] por um período da vida, por uma geração ou faixa etária, mas sim, e sobretudo, [garante-se] o direito à aprendizagem ao longo de toda a vida”. (ANDRADE, NETO, 2007, p. 77)

A EJA, considerada modalidade para o EF e ensino médio na educação básica, visa a atender a demanda de jovens e adultos interditados do direito à educação e/ou que não se escolarizaram ou concluíram os estudos na chamada idade própria.

O ingresso cada vez mais “comum” de estudantes *jovens-adolescentes*, da faixa etária de 15 a 17 anos, na EJA, causou reflexões para compreender e buscar sentidos do fenômeno. Assim, a pesquisa teve como objetivo estudar o perfil desses estudantes e as motivações que os levam até essa modalidade de ensino, percebendo se o fazem conscientes da garantia do direito à educação. Estudantes que passam a substituir suas vivências no EF regular diurno pelo PEJA em aulas noturnas.

As proposições de Paiva (2009) sobre o direito à educação, entendido como um fundamento e condição necessária atualmente, nos permitem vislumbrar um modelo democrático e menos desigual de sociedade.

METODOLOGIA

A vivência com jovens adolescentes em situação de defasagem idade-série, com trajetórias escolares irregulares/descontínuas levaram-me a ter um olhar mais atento ao perfil

desses novos estudantes na EJA, tomando-os como sujeitos de estudo. Suas presenças inquietaram-me, desejosa de entender por que chegaram ao PEJA como modo de concluir o EF: seria uma opção para reduzirem a defasagem escolar? Ou falta de condições adequadas no diurno para atendimento a suas especificidades de jovens-adolescentes? Haveria outras razões, como a necessidade de trabalhar, que surgia precocemente na vida desses estudantes?

Ao refletir sobre as razões que levam, como afirma Brunel (2014), a “jovens, cada vez mais jovens” migrarem para a EJA, primeiramente me perguntei quem eram esses jovens alunos que ingressavam na modalidade e de onde vinham suas aspirações e motivações para estarem ali.

O projeto de investigação inseriu-se na perspectiva metodológica da pesquisa qualitativa, cujo enfoque principal se deu na identificação de jovens de faixa etária a partir de 15 anos nas turmas de EJA noturna, que constituiu o campo de pesquisa. O levantamento de dados e a realização de entrevistas via redes sociais foi a alternativa utilizada, pela impossibilidade de encontros presenciais no contexto de pandemia. As narrativas desses jovens constituíram fontes primárias de dados, possibilitando a reflexão dos cotidianos vividos, de percursos escolares, além de perspectivas e “motivos” que influenciaram a decisão por migrar para o PEJA.

Como o momento da pesquisa para coleta de dados quantitativos foi atravessado pela pandemia da Covid 19, com medidas de isolamento e distanciamento social, o acesso a dados quantitativos dos discentes foi inviabilizado, uma vez que necessitava de presença física para requisitar e protocolar o pedido de acesso às informações.

Nesse novo cenário, por muitos chamado de “novo normal”, imposto em meio ao cotidiano vivido, foi necessário pensar e criar novas táticas e estratégias que viabilizassem o prosseguimento da pesquisa, especialmente quanto aos encaminhamentos metodológicos, que previam um campo de investigação ampliado, com cobertura de todas as turmas de EJA da região a que a escola está vinculada. Restringi o campo à escola onde exerço meu fazer docente, decidindo-me por aprofundar a pesquisa qualitativa. Propus, então, uma abordagem que permitisse captar as vozes desses jovens, indo além dos relatos dos sujeitos com perfil previamente definido, investindo nas emoções e percepções advindas dos sujeitos afetados diretamente pelas mudanças no contexto escolar, relacional e socioeconômico.

Levando em consideração o legado de Paulo Freire, tentei estabelecer uma ação dialógica baseada na escuta atenta em cada entrevista realizada. Assim, entrelacei vozes dos sujeitos da pesquisa e seus sentimentos, experiências, histórias, motivações pessoais, dúvidas, entre outras sensações, com textos de autores que me serviram de base e de referência, ao tratarem de temáticas das juventudes e suas relações com a EJA. O que emergiu das entrevistas constituiu um *corpus* que revelava o ponto de vista dos discentes, ensejando a ideia de protagonismo em relação às questões que lhes foram apresentadas. Articulando nossas hipóteses com reflexões e falas dos aprendentes, produziram-se, então, achados, em perspectiva dialógica — essencial em pesquisa de caráter educacional. Ensina-nos Freire (1992, p. 117- 118):

O diálogo entre professoras ou professores e alunos ou alunas não os torna iguais, mas marca uma posição democrática entre eles ou elas [...] O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A demanda de alunos dessa modalidade de ensino é bastante complexa e diversificada

e requer que o professor busque maior conhecimento sobre o grupo heterogêneo de sujeitos aprendizes que atende, sem deixar de levar em consideração suas expectativas e trajetórias de vida, para que assim possa promover ações educativas mais inclusivas na escola, considerando também questões relativas à etnia, ao gênero, à faixa etária, à classe social, à necessidade educacional especial e às especificidades locais — experiências concretas de vida e contexto desses estudantes que não podem ser menosprezadas.

O percurso metodológico da pesquisa qualitativa visou possibilitar o estabelecimento de contato direto com o tema de estudo, interpretando, sempre que possível, a perspectiva dos sujeitos envolvidos em seus cotidianos, na intenção de ir além dos dados numéricos disponíveis nas fichas escolares. Nesse caso, especificamente, pretendeu-se reafirmar, pelas escolhas metodológicas, a validade do princípio fundamental do direito à educação, quando jovens são percebidos não só como sujeitos de direito, mas como protagonistas na conquista de novos direitos em meio às duras realidades vividas.

As entrevistas, usadas como dispositivo metodológico na produção de fontes narrativas, possibilitaram maior aproximação com os educandos, permitindo perceber suas demandas e dificuldades na tentativa de permanecerem estudando em meio ao momento de pandemia, revelando o aprofundamento das desigualdades e vulnerabilidades a que estão expostos nos cotidianos vividos.

Palavras-chave: Juventudes. Educação de Jovens e Adultos. Direito à educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane Ribeiro; FARAH NETO, Miguel. Juventudes e Trajetórias escolares: conquistando o direito à educação. *In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (orgs.). Juventudes: outros olhares sobre a diversidade.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Unesco, 2007.

BRUNEL, Carmen. *Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos.* 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PAIVA, Jane. *Os sentidos do direito à educação de jovens e adultos.* Petrópolis, RJ: DP et Alii; RJ: FAPERJ, 2009.